

## O Deus de Adélia

Luiz Carlos Ramos<sup>1</sup>

Wesley Adriano Martins Dourado<sup>2</sup>

### Resumo

Neste artigo, procuramos demonstrar o modo como Deus é apresentado em algumas obras de Adélia Prado, como um jeito de evidenciar a presença da religiosidade em suas poesias e prosas e, ao fazê-lo, sublinhar que se trata de um Deus e de uma religiosidade que se manifesta, que se identifica no cotidiano da vivência mesma das pessoas.

### Palavras-chave

Deus; religiosidade; mística; poética; cotidiano.

### Abstract

This paper seeks to demonstrate the way God is presented in some works of Adélia Prado, as a means of highlighting the presence of religiosity in her poetry and prose. In doing so, we aim to highlight that this is a God and a religion that is embedded within and becomes evident in the everyday experiences of people.

### Keywords.

God; religiosity; mystic experience; poetics; ordinary life.

---

<sup>1</sup> Possui doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo; mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo; graduação em Teologia (Bacharelado) pelo Seminário Presbiteriano do Sul / Universidade Mackenzie; graduação em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente leciona principalmente nos cursos de Medicina, Direito e Teologia: Estudo do Ser Humano Contemporâneo, Antropologia Cultural, Bioética e Ética Médica, História e Filosofia do Direito, Fenômeno Religioso, Teologia Fundamental, Ecoteologia. Compõe os NDEs dos cursos de Teologia, Filosofia, História e Serviço Social, da USF. Professor na Pós-Graduação na PUC-Campinas. Site pessoal: <http://www.luizcarlosramos.net>.

<sup>2</sup> Possui graduação em Filosofia pela Universidade Metodista de São Paulo, graduação em Teologia pela Faculdade de Teologia da Igreja Metodista; mestrado em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (2003) e doutorado em Educação pela mesma Universidade (2017). Foi professor auxiliar da Universidade Metodista de São Paulo de 2002 a 2018 e coordenador do curso de filosofia (2010 à 2017) desta Universidade. Está vinculado à rede municipal de educação de São Caetano do Sul como docente titular de filosofia da Escola Municipal de Ensino Alcina Dantas Feijão. É formador no Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação Dra. Zilda Arns (CECAPE). Está vinculado, também, à Universidade São Francisco atuando na graduação presencial e a distância nos cursos de medicina, filosofia, teologia, entre outros. Atua, desde 2016, no curso de pós-graduação lato-sensu "Filosofia Contemporânea" do Centro Universitário Assunção (UNIFAI).

## Introdução

Percorrer as obras de Adélia Prado coloca as pessoas leitoras em contato com uma dimensão de suas prosas e poemas, qual seja: a religiosidade. Este aspecto marcante da obra, também o é na vida pessoal da poeta. No vídeo, disponível no Youtube e denominado “[\(IN\)CONFIDÊNCIAS | EP1 - Adélia Prado | Como nasce uma poeta: A gratidão de existir](#)” (2024) (Último acesso: 09 de dezembro de 2024), enquanto a poeta fala do início da sua experiência de construir poesias, em particular, quando após a morte do seu pai, ela fez um poema que julgou que não estava ruim, que lhe permitiu se dar conta de uma linguagem própria, de uma dicção própria, como ela diz no vídeo, passou a escrever em cascata e reuniu poemas que estão publicados na obra *Bagagem* de 1976. A essa altura do vídeo, Adélia Prado diz que ficou aguardando uma oportunidade de publicar suas prosas e poemas e afirma que pediu esta oportunidade a São Francisco, especialmente. E no livro, antes do primeiro poema, lê-se o que segue:

Louvai o Senhor<sup>3</sup>, livro meu irmão, com vossas  
letras e palavras, com vosso verso e sentido,  
com vossa capa e forma, com as mãos de todos  
que vos fizeram existir, louvai o Senhor<sup>4</sup>. (2012, p. 05)

No vídeo “[Adélia Prado fala sobre fé e arte - Imagem da Palavra \(2012\) \[Rede Minas Memória\]](#)” (2012) (Último acesso: 09 de dezembro de 2024), a poeta afirma que a fé e a arte são categorias supremas de busca de significado. A fé se diferenciaria da arte e da filosofia porque a fé, segundo a poeta, daria respostas absolutas, enquanto a arte e a filosofia poderiam ser superadas.

Nesses dois vídeos não temos Adélia Prado falando de sua obra, mas de como ela compreende a fé e como se relaciona com a transcendência, como disse no vídeo há pouco mencionado, com o divino, com o sagrado. Não é a Adélia falando da presença da religiosidade na sua obra, mas de como a espiritualidade está presente na sua vida cotidiana.

Há um vídeo do programa “[Sempre um Papo - ano 38](#)” (Último acesso: 09 de dezembro de 2024), no qual Adélia Prado, em março de 2016, ao que tudo indica no fim da sua participação, pede uma oração pelo Brasil, o que é mais uma evidência de que a fé, em particular a fé cristã, é um elemento constitutivo do modo mesmo de ser da poeta. Isto permite intuir que o Deus de Adélia não é um ‘deus deísta’, ou seja, um deus que, após criar o mundo, não mais intervém nos assuntos humanos ou naturais. Pelo contrário, é um ‘deus teísta’, que continua interagindo e influenciando eventos terrenos, respondendo às orações dos fiéis.

---

<sup>3</sup> Na Bíblia, Javé (YHWH) é o Deus que deve ser louvado (cf. Salmo 148, 150...).

<sup>4</sup> A expressão 'louvai o Senhor' é frequentemente encontrada nos textos bíblicos, especialmente nos Salmos (por exemplo, Sl 117,1: 'Louvai ao SENHOR, vós todos os gentios, louvai-o, todos os povos.'). Esta expressão 'louvai o (ao) Senhor' é recitada, cantada e rezada na tradição litúrgica católica, em particular, e na cristã, em geral. 'Senhor' é uma das formas como o nome de Deus é traduzido nas versões da Bíblia em português. Pode ser utilizado como tradução dos termos hebraicos Yahweh, Adonai, Elohim, entre outros. Na tradição neotestamentária, a designação 'Senhor' passa a ser aplicada também a Jesus Cristo.

O elemento religioso ou místico se verifica, também, na própria compreensão que Adélia Prado tem da poesia. Em entrevista concedida a Jean Lauand e publicada na edição 19 da revista *Convenit Internacional*, a poeta afirma o que segue:

É o que a gente chama de experiência poética ou momento poético. Então, realmente, é estado de graça, não tem jeito. Eu acho que o fundo da experiência religiosa e da experiência poética - à revelia dos poetas ateus, à revelia desse povo que nega isso; é... à revelia deles, à revelia deles... - que o sagrado se mostra.

É um desejo de prostração que dá na gente, um desejo de adoração: Você quer adorar e você sabe que não é mais aquilo que você tá produzindo, não é o rastro, não é mais a pegada como eu achava antes... Com aquela ânsia..., mas é a coisa que se mostra atrás disso. (2015, p. 02)

A experiência do sagrado é “estado de graça”. A ideia de um Deus “à revelia” remete a uma fé não “por causa de”, mas “apesar de”. Adélia faz coro com Riobaldo: “Deus existe mesmo quando não há.” (ROSA, 1984. p. 47.)

A relação entre a produção poética e a mística está posta de modo claro no poema *Paixão* do livro “*O coração disparado*”, quando Adélia Prado escreveu:

De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra, vejo pedra mesmo.  
O mundo, cheio de departamentos,  
não é a bola bonita caminhando solta no espaço.  
Eu fico feia, olhando espelhos com provocação,  
batendo a escova com força nos cabelos,  
sujeita à crença em presságios.  
Viro péssima cristã. (1978, p. 75)

O trecho da poesia é uma boa evidência da relação que a poeta vê entre o ato poético e Deus. A produção poética, em alguma medida, é manifestação de algo que a transcende e que Adélia, sem rodeios, atribui a Deus. Tira-me Ele a poesia e eu só vejo a realidade nua, crua, dura, sem graça, sem sentido. É o próprio Deus, por meio da poesia, que se mostra e permite ver para além do que está dado ao olho e ao olhar. Não nos parece que a poeta esteja defendendo que a produção poética só seja possível ao devoto à fé cristã e, por consequência, que só os cristãos teriam habilidade poética, mas está sublinhado em sua vida e obra que a poesia, de algum modo, é dada ao poeta.

Essa doação vem, também, de outra singular marca das poesias e prosas de Adélia Prado, pelo que, ao que já se indicou, é preciso acrescentar mais um elemento que caracteriza a obra da poeta: o cotidiano. Tendo a vida ordinária como o alimento para a sua produção poética, Adélia não poderia deixar de se encontrar com o elemento religioso, muito presente na cultura brasileira, em particular, em Minas Gerais, onde vive a poeta.

Dourado, nas reflexões decorrentes do estudo de doutorado, anotadas no texto denominado “Considerações filosófico poéticas sobre o corpo, cotidiano e educação: um tributo a Adélia Prado” (2017), escreveu o que segue:

Na entrevista que concedeu ao programa [Roda Viva](#) (último acesso: 09 de dezembro de 2024) da TV Cultura, na segunda pergunta, Ubiratan Brasil, pediu a Adélia que indicasse o motivo da ligação dela, da sua poesia com o público uma vez que, segundo o jornalista, por onde ela passa causa uma comoção. A resposta da poeta começa indicando que a ligação com o povo se deve ao fato de que também ela é plebe, que se sente muito povo, que gosta de gente, embora ela, imediatamente, indique que não sabe responder à pergunta. Na sequência, a jornalista Josélia Aguiar pergunta se a saída de sua cidade para participar de um programa como aquele perturbava o processo de trabalho da poeta ou se isso a inspirava, se alimentava a sua poesia uma vez que teria se dito povo também. Adélia Prado responde que o que motiva a sua poesia é o próprio espanto que tem com a vida, que é a vida de todo mundo. Trata-se do cotidiano que, segundo a poeta, é o que todo mundo tem: o que a pessoa tem mais do que isso, pergunta Adélia Prado. E é nesse momento que ela menciona o enquadramento que fizeram dela como a poeta do cotidiano, quase um carimbo ela afirma, mas com simplicidade reconhece que é sobre ele que todos nós vivemos e é sobre ele que a sua poesia se desenvolve. (DOURADO, 2017b, p. 175)

Nesta mesma entrevista, um pouco

mais adiante afirmará que o detonador da sua produção poética, o que alimenta sua poesia não é nada especial a não ser o próprio susto, o próprio espanto que ela diz ter com a vida. E segue afirmando que a vida que ela tem é a vida de todo mundo, que não possui nada de diferente. O que ela tem é o cotidiano. Aliás, defende que é sobre isto que todo o poeta fala: sobre o cotidiano, sobre a perplexidade de existir, do assombro que é existir, sobre como é muito esquisito existir. É isto o que todo mundo tem: o atendimento às necessidades básicas da vida, o enfrentamento das paixões, das perversidades, entre outros aspectos próprios da vida ordinária. (DOURADO, 2017a, p. 93-94)

Postos estes três aspectos - *a poeta é religiosa, a sua compreensão da poesia guarda relação com o sagrado e a sua fonte criativa é o cotidiano onde se encontra com a religiosidade* - o que esta reflexão pretende é percorrer alguns livros de Adélia Prado para ver como Deus é apresentado na obra da poeta, em particular nos livros *A duração do dia*, *A faca no peito*, *Bagagem*, *Cacos para um vitral*, *Filandras*, *O coração disparado* e *Os*

**componentes da banda.** Espera-se mostrar como a percepção a respeito do sagrado está vinculada ao cotidiano e, portanto, como Deus é compreendido na encarnação dos desafios, das contradições e condições da nossa vida comum de cada dia.

Como se lerá, este texto se limita a um gesto de apontar para o elemento religioso presente na obra da poeta e como o Deus de Adélia ou, talvez fosse mais preciso dizer, os Deuses de Adélia, oferecem desafios para a espiritualidade, para a eclesiologia e para a teologia. E o que lhes apresentamos é como ouro de aluvião, aquele que se encontrava no leito dos rios sem muita dificuldade. Se escavarmos a obra de Adélia Prado, o Deus que nela aparece terá outro tanto de facetas que aqui não apresentaremos.

É importante indicar, desde já, que não se pretende uma análise teológica dos textos de Adélia. Apontaremos algumas convergências entre a produção poética de Adélia Prado, com a Bíblia, apenas como um modo de indicar como a fé cristã vivida é captada na sensibilidade poética de Adélia Prado com o cotidiano. Limitar-nos-emos, portanto, em mostrar, na beleza e leveza da obra poética de Adélia Prado, o rosto do seu Deus. Para o nosso deleite e inspiração, esperamos.

Isto posto, caminhemos pelos prados de Adélia à procura do seu Deus. E para realizar esta tarefa trechos dos poemas e prosas serão transcritos para que a poeta, com sua própria linguagem, nos fale do seu Deus.

### **Os deuses de Adélia**

No livro “*Bagagem*” encontramos o poema *Modo poético* que indica os fundamentos da obra de Adélia Prado, quais sejam: sexo, morte e Deus.

Quando se passam alguns dias  
e o vento balança as placas numeradas  
na cabeceira das covas e bate  
um calor amarelo sobre inscrições e lápides,  
e quando se olha os retratos e se consegue  
dizer com límpida voz:  
ele gostava deste terno branco  
e quando se entra na fila das viúvas,  
batendo papo e cabo de sombrinha,  
é que a poeira misericordiosa recobriu coisa e dor,  
deu o retoque final.  
Pode se compreender de novo  
que esteve tudo certo, o tempo todo  
e dizer sem soberba ou horror:  
*é em sexo, morte e Deus*  
*que eu penso todo dia.*  
É na presença d’Ele que eu me dispo  
e muito mais, d’Ele que não é pudico  
e não se ofende com as posições no amor.  
Quando tudo se corrompe,  
é saltitantes que nos vamos

cuidar de horta e gaiola.  
A mala, a cuia, o chapéu  
enchem o nosso coração  
como uns amados brinquedos reencontrados.  
Muito maior que a morte é a vida.  
Um poeta sem orgulho é um homem de dores,  
muito mais é de alegrias.  
A seu cripto modo anuncia,  
às vezes, quase inaudível  
em delicado código:  
'cuidado, entre as gretas do muro  
está nascendo a erva...'  
Que a fonte da vida é Deus,  
há infinitas maneiras de entender. (2012, p. 79-80)

O contato com o conjunto da obra de Adélia Prado permitirá notar como os três aspectos indicados estão presentes em suas prosas e poemas. A **morte**, não como elogio à tragicidade da vida, mas como um convite para celebrar a vida como se lê neste poema - "Muito maior que a morte é a vida"; a **sexualidade**, percebida como uma das delícias da vida como se lê no livro "*Cacos para um vitral*" - "Maria Luiza perguntou sem rodeios: - Orgasmo é o gostoso, não é mesmo? - É, disse Glória, estudando a cara dela, e riu. - É sério, ela disse, toda vida tive vontade de conversar esse troço com você" (1991, p. 53) e, por fim, **Deus**. No poema "*Modo poético*" encontramos dois aspectos que nos permitem identificar traços do Deus de Adélia. O primeiro que destaco é este, posto no fim do poema, que afirma que Deus é **fonte da vida**, indicando a vinculação direta com a fé cristã em um **Deus criador e mantenedor** de sua criação. Deus, fonte de vida, que se pode entender de muitos modos, inclusive na experiência sexual, posto que Deus "não é pudico e não se ofende com as posições no amor". (2012, p. 79) E isso nos leva a outro traço do Deus de Adélia: Ele **acolhe** os homossexuais. No livro "*Cacos para um vitral*" a poeta parece criticar a hipocrisia religiosa que ignoraria o Jesus que chama a si todos os que estão sobrecarregados e, na figura da personagem Maria da Glória, parece desafiar tal religiosidade perguntando "quem estará mancando na engrenagem do mundo?" Escreveu Adélia Prado:

No caderno: E os homossexuais? daqui a muitos anos saberei. "Mãe e mestra", nossa Igreja deve tornar a todos, a-b-s-o-l-u-t-a-m-e-n-t-e a todos os homens, "o jugo suave e o fardo leve". O papa lança novo anátema sobre eles. Que será feito do moço que dizia em lágrimas: "Quero seguir a lei de Jesus e não consigo, tenho vontade de me suicidar." Qual é a lei de Jesus? "Desatai-o e deixai-o ir." "Vinde a mim todos que vos achais sobrecarregados." Não sei o que fazer com o rapaz delicado: "Sou todo seu", "Trouxe-lhe esta flor", "Você é divina, Maria da Glória!" qual de nós estará mancando na engrenagem do mundo? "Os textos escriturísticos nos desorientam algumas vezes..." "Ai de vós, escribas e fariseus." Disse o filho à sua

mãe: “Pra doutor de cuca a senhora é prato fundo.” “Só porque estou rezando? - “Não direi agora, considerando vossa fragilidade.” Para todos os jovens do mundo peço em meu coração: “São Miguel Arcanjo protegei-os no combate...” (1991, p. 99-100)

Em relação à sexualidade e temas como casamento, família e identidade de gênero, o Vaticano tem se posicionado historicamente de forma reacionária e conservadora. Não obstante, mais recentemente (de 2003 para cá), no que diz respeito aos direitos de pessoas LGBTQIA+, o Papa Francisco tem demonstrado uma postura mais aberta, defendendo a necessidade de acolhimento e respeito, embora sem alterar a doutrina tradicional da Igreja sobre o casamento como união entre homem e mulher.<sup>5</sup>

O Deus **acolhedor** de Adélia também se encontra no poema *A postulante* do livro “*A duração do dia*” quando indica que Deus acolhe mesmo o que com tristeza vive. Escreveu a poeta.

Deus tem todo o poder,  
até o de, por um dia inteiro, me escutar chorando  
sem me infligir castigo.  
Tenho natureza triste,  
comi sal de lágrimas no leite de minha mãe.  
O vazio me chama, os ermos,  
tudo que tenha olhos órfãos.  
Antes do baile já vejo os bailarinos  
chegando em casa com os sapatos na mão.  
O jantar é bom, mas eructar é triste,  
quase impoetizável.  
Deveras, não hás de banir-me  
do ofício do Teu louvor,  
se até uns passarinhos cantam tristes. (2011, p. 63)

E se o Deus de Adélia é **acolhedor** isso significa que Ele também acolhe a mulher no serviço da sua Igreja, o que é convergente com uma posição ainda mais radical de Jesus, tal como se lê em Mateus 21,31: “Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus.” No livro “*Solte os Cachorros*”, de Adélia Prado, nota-se que na vida cotidiana da religiosidade, o referido acolhimento nem sempre se verifica. É o que se lê na *prosa 8* do livro:

Então, eu virei pra Sua Excelência e pedi filialmente: me deixa dar catecismo, senhor meu pastor. Não, ele me disse, não. E como já era a terceira ou quarta vez que eu insistia na mesma coisa ele foi, como se diz, lapidar: não e de uma vez por todas digo por quê: não sois

---

<sup>5</sup> Para mais informações sobre orientação sexual no clero católico, ver artigo intitulado "Homens gays agora podem ser padres, decide o Vaticano: Decisão conflita polêmico tema sobre orientação sexual no clero" (DOL – DIÁRIO ONLINE, 2025).

senhora da minha confiança. Mas como? retruquei. A minha reputação, dentro do possível ilibada, mo impede? Usava esta linguagem fora do meu natural pra ele não me interpretar errado, me julgando desrespeitosa. A messe é grande, eu dizia. Não, ele falava. Os operários, poucos, eu dizia. Não, ele falava. Fez que ia tocar de leve a mão no meu ombro, me entortando pro lado da porta de saída, querendo parecer um pai, e me despediu cheio de cortesia. Nomeou eu não, nomeou foi professor homem. Enfarei de cortesia, porque eu quero brigar, quero dizer, discutir com ideias fortes e o que acontece é que me abrem alas e me deixam passar brandindo e humilhada. Vá queixar ao bispo, eu sei bem o que é. Ser mulher ainda dificulta muito as coisas. Muita gente boa ainda pensa, em pleno século quase vinte e um, que mulher é só seu oco. Fosse só assim, a gente não tinha coração nem cabeça, precisava nem ser batizada. Mas digo que tem e igualzinha à dos homens: boa e ruim. Jesus, muito mais antigo que nós, entendeu isso direitinho. Se eu fosse do tempo dele, tenho certeza que eu ia ser o Pedro burro que cortou a orelha do soldado Malco, porque tenho paciência curta e mão pesada. Hoje tá difícil quem queira trabalhador braçal, alguém acreditando enfezado numa coisa e querendo fazer ela. Não quero ser injusta não. Aqui na Iconha tem um vigarizinho que eu respeito, esse, sim, me dá liberdades de cantar *Louvando Maria*, *Que doce maná* e *Tantum ergo* em latim, conforme a necessidade. Me deu ordem, já que sou fundadora do coro Harpa de São, pra eu cortar música moderna demais em hora de consagração. Porque foi só eu descuidar e a juventude transviada do verdadeiro sentido da liturgia começou a dedilhar o *Brinquedo proibido* na hora da elevação, uma hora forte por ela mesma, sem necessidade de acento. Ora, digo eu, pra tudo há forma e fundo. Não fiquei traumatizada com o acontecido não, nem guardei raiva. Tem muito outro-que-fazer na igreja de Deus. Agora, tem uma coisa: no momento das preces comunitárias, quando chega a vez de orar por Sua Excelência, eu não falo o nome dele, nem vê, falo é o apelido que eu pus.

Também sou filha de Deus, uai. (2006, p. 27-28)

O Deus **acolhedor** de Adélia Prado que criou a mulher com cabeça e coração, tal como o homem, também aparece na parte final da *prosa 25* do livro *“Solte os cachorros”* indicando, com isso, que o lugar da mulher na vida não deve ser inferior em relação ao homem. Escreveu a poeta:

Com pouco, desvio do assunto. Machismo existe, tá aí sorrateiro, enfiado por tudo quanto é canto. Se você quiser pode fazer aqui um comentário obsceno. Que faça. Quero é desabafar. Tou cheia de aguentar o papa, o presidente da República, o ministro, o prefeito, o

magnífico reitor, o açougueiro, o padeiro, o padre, o meu pai, o meu avô, o meu irmão, o meu filho, o pai do meu filho, o anjo Gabriel, Satanás, tudo homem. Zuzu barbeiro dizia: minha sogra é mulher, minha mulher é mulher, minha filha mulher é mulher. Na casa dele só tinha ele de homem. Mas Zuzu era muito engraçado, falava pra gente rir. Eu falo é sério e falo com crédito porque desde pequenininha que eu gosto de homem. Nunca achei graça em brincado só de menina, não vou em chá de amizade, clube onde homem não entra. Penso que estou certa porque no livro da Bíblia, logo na primeira página, está escrito: “Deus fez o homem e o fez macho e fêmea e isto quer dizer que somos iguaizinhos no valor. A boa diferença é só pra obrigação e amenidades. E olha, num tempo de escravidão como era aquele, tinha que ser muito inspirado mesmo para escrever uma coisa bacana dessas. Quase dois mil anos, e muita gente por aí não entendeu. Porém concordo: tem que ser muito homem pra entender. Por falar em homem, tem algum por aí? (2006, p. 82)

Na poesia denominada *Guia*, do livro “*Bagagem*”, o Deus de Adélia é **Salvador**. Todavia, tal salvação será experimentada por meio da poesia - o que retoma o que acima indicamos sobre a relação entre poesia e mística -, pois ela é a face divina. Escreveu a poeta:

A poesia me salvará.  
Falo constrangida, porque só Jesus  
Cristo é o Salvador, conforme escreveu  
um homem - sem coação alguma -  
atrás de um crucifixo que trouxe de lembrança  
de Congonhas do Campo.  
No entanto, repito, a poesia me salvará.  
Por ela entendo a paixão  
que Ele teve por nós, morrendo na cruz.  
Ela me salvará, porque o roxo  
das flores debruçado na cerca  
perdoa a moça do seu feio corpo.  
Nela, a Virgem Maria e o santos consentem  
no meu caminho apócrifo de entender a palavra  
pelo seu reverso, captar a mensagem  
pelo arauto, conforme sejam suas mãos e olhos.  
Ela me salvará. Não falo aos quatro ventos,  
porque temos os doutores, a excomunhão  
e o escândalo dos fracos. A Deus não temo.  
Que outra coisa ela é senão Sua Face atingida  
da brutalidade das coisas? (2012, p. 63)

O Deus de Adélia tem uma **face materna**<sup>6</sup>. No livro “*Cacos para um vitral*”, numa conversa entre mulheres onde se problematiza o modo grosseiro de Maria Luca falar, Adélia Prado reconhece na gentileza da fala uma expressão de amor, expressão do próprio Deus. Escreveu a poeta:

Tonha passava mal com ronqueira, chilique esquisito, as mulheres se ajuntando em volta, dando palpite: “A regra dela subiu pra cabeça.” Glória, menina de treze anos, chegou com os ramos de funcho por mando de sua mãe e Maria Luca lhe perguntou no meio de todo mundo: “Galinha preta já cagou nocê?” Não era menstruada ainda, mas entendeu o que o monstro de boçalidade queria saber. Quando Maria Luca falava regra e privada as duas coisas ficavam sujas. Mesmo que Maria Luca tomasse banho, com bucha, areia e sabão, ela ficava suja. O jeito mais feio de falar privada era o jeito de Maria Luca. Chamava os filhos cadela e excomungado. Lembrando aquele dia Glória anotou: Finuras não são mentiras, são puro amor. Sabe disso quem lindamente escreveu “O rosto materno de Deus.” (1991, p. 30-31)

O Deus de Adélia é **convite à celebração**. E esta celebração se dá ali onde a vida é desfrutada cotidianamente com gratidão. Escreveu a poeta no livro “*Os componentes da banda*”: “Acabei de decidir: vou no cinema, de pura alegria, para agradecer a Deus o milagre de minha filha ter ido e voltado sã e salva de um passeio ao Tira-Chapéu.” (1992, p. 36)

O Deus de Adélia é **bom e é amor**<sup>7</sup> e isso se manifesta em toda a sua criação. Inclui-se nisso a sexualidade, como já indicamos, expressão da bênção de Deus em toda a sua criação. Não é sem razão que a poeta escreve, clamando a Deus, que quer amar tudo. Pedimos paciência para a irreverência da prosa.

Cu de galinha é abençoado. Tenho de falar porque senão não tem fim e não aguento mais. Ninguém aguenta. Portanto, digo: cu de galinha é abençoado. De gente também. FOI DEUS QUEM FEZ. Ai! Pronto! Falei! Não aconteceu nada? Isto mesmo que eu queria, cinturinha de boneca. Curitiba, cujo, cubatão, cunhado, caracu, pacu, que é um peixe, paixão, sinal de Jesus. Me benze, Dona Maria benzedeira, e põe em transe pra eu falar todos os palavrões do mundo e acordar pedindo comida, não quero mais pedir perdão, quero pedir comida. O gringo dizia: ‘você gosta do meu salsicha?’ Sabia que falava do pênis dele, igualzinho a miolo de antúrio, a flor que repete sempre: “sejamos pornográficos, sejamos pornográficos.” Ainda bem que as

---

<sup>6</sup> No Antigo Testamento, no livro de Gênesis 49,25, encontramos a vinculação da imagem de Deus com a figura feminina e materna: “[...] pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará, e pelo Todo-Poderoso, o qual te abençoará com bênçãos dos altos céus, com bênçãos das profundezas, com bênçãos dos seios e da madre.”

<sup>7</sup> No Novo Testamento, em particular, no livro de João Deus é o mesmo que amor: “Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor.” (1 João 4,8)

Madonas têm os seios expostos e o Menino não cobre o seu pintinho. Deus não me fez até a cintura pro diabo fazer o resto. Ou tudo é bento ou nada é bento. Cora diz: ‘o corpo vale ou não vale.’ Se tudo é bento, está certinho e é muito gostoso o alemão perguntar pra mulher dele: “você gosta do meu salsicha no seu buraco?” Oh!?! se falei isto sem auxílio do analista, poderei curar-me sozinha. Vou abrir um buraco e gritar dentro da terra a palavra mais feia, primeiro em grego, depois em latim, depois em português. Vou me livrar do verbo enfiar, porque vou enfiar no cu do mundo o meu desprazer de viver. Conseguirei? Talvez, porque sou salva pela metáfora, a única realidade. A ciência não salva, porque insiste em chamar as coisas por seus nomes e quem suporta isso? O amor é a mais fantástica metáfora, a realidade mais incrível. Pedro ama em mim o que serei quando for. Vou ser apedrejada e tem de ser assim, ninguém que é delicado entenderá: ‘você não é promíscua, Violeta, é abundante só’, padre Longuinhos me disse e eu mesma só agora entendo. Já apedrejei outros, roendo-me de secreta inveja do que julgava ser os prazeres da danação e eram os querubins cantando. Eu só conheço uma língua, é nela que serei arguida e direi o que desde já balbucio entre lágrimas, horror, cansaço e succulentos nacos de alegria: Ó Senhor, eu quero amar tudo.” (1992, p. 48-49)

Este Deus que é bom e é amor não condena a sexualidade, como lemos. A argumentação da poeta é contundente: “Deus não me fez até a cintura pro diabo fazer o resto.” Sobre a sexualidade na Bíblia, a principal referência é o livro veterotestamentário do *Cântico dos Cânticos*, que trata explicitamente de temas como:

Preconceito de gênero, raça e cor; relações assimétricas etárias e econômicas; tabus sexuais (incesto e escravidão sexual, masturbação ou sexo solitário, sexo e violência, sexo em público, fetichismo, voyeurismo e romantismo); erotismo versus pornografia; frustração e satisfação sexual, entre outros. (RAMOS, 2011. p. 53).

No posfácio da transcrição poética do *Cântico dos Cânticos*, Ramos salienta:

A protagonista, menina cujos peitos ainda estão em formação, é usada, talvez abusada, pelos irmãos mais velhos, que a obrigam a servi-los cuidando das vinhas deles em detrimento da sua própria (vinha é, no livro, um dos eufemismos para a sexualidade). Ela está queimada do sol, porque é obrigada a trabalhar [no campo] para os irmãos. Ela se apaixona por um moço pobre, talvez miserável (os pastores estavam na base da pirâmide social, abaixo da linha da pobreza). O rei quer levá-la para o seu harém, mas ela se recusa terminantemente, e prefere ficar com o homem a quem ama. Ela

descreve sua busca ansiosa pelo amor, relata como o buscava na solidão do seu quarto, e ainda conta como fora assediada por “homens rudes da cidade”, até que finalmente encontrou o grande amor da sua vida. Boa parte dos versos são dedicados à descrição contemplativa da pessoa amada e às referências a fragrâncias, sabores, sons e texturas do amor. É o erotismo do olhar, do olfato, do paladar, da audição e do tato. Enquanto alguns versos são confissões de pura intimidade, da privacidade da alcova, outros são exultações públicas de um amor que não cabe em si, e transborda contagiando aqueles que fazem parte do seu círculo de amizade e lhe são próximos. (RAMOS, 2011, p. 54-55)

Na poesia *Entrevista*, do livro “*O coração disparado*”, Deus é a **fonte do amor**. Note-se, uma vez mais, que o amor inclui ou se refere também à sexualidade. Como lemos anteriormente, ou tudo é bento ou nada é bento. Escreveu Adélia:

Um homem do mundo me perguntou:  
o que você pensa de sexo?  
Uma das maravilhas da criação, eu respondi.  
Ele ficou atrapalhado, porque confunde as coisas  
e esperava que eu dissesse maldição,  
só porque antes lhe confiara: o destino do homem é a santidade.  
A mulher que me perguntou cheia de ódio:  
você raspa lá? perguntou sorrindo,  
achando que assim melhor me assassinava.  
Magníficos são o cálice e a vara que ele contém,  
peludo ou não.  
Santo, santo, santo é o amor porque vem de Deus,  
não porque uso luva ou navalha.  
Que pode contra ele o excremento?  
Mesmo a rosa, que pode a seu favor?  
Se “cobre a multidão dos pecados e é benigno,  
como a morte duro, como o inferno tenaz”,  
descansa em teu amor, que bem estás. (1978, p. 88)

O Deus de Adélia Prado **se deixa ver e sentir** na Sua criação. No livro “*Os componentes da banda*” a poeta escreveu:

Nunca terei forças para pegar com minhas duas mãos uma parte do meu corpo e exibi-la pra Deus, porque só pra Ele me interessa fazê-lo. Se conseguisse seria uma santa enorme. Irmã Agnes me disse enquanto conversávamos no jardimzinho: ‘É bom que você vá apanhando estas rosas envelhecidas.’ Numa dela achei três besouros lindos, pretos, aninhados no miolo. Ela disse: ‘que bonito você achar

logo três!’ Um a um, voaram de minhas mãos. Tenho medo de cansar Pedro minuciando estas coisas, ele é tão diferente de mim. É inevitável, não vejo borboletas sem me sentir tocada pelo carinho de Deus. Achei uma pedrinha branca em forma de coração, imediatamente pensei: “O vosso coração de pedra se converterá em novo coração de carne”. (1992, p. 53)

Uma vez mais, o modo poético de dizer o cotidiano é, também, um jeito de falar do próprio Deus que em todas as coisas se manifesta. Entretanto, fica posta a maneira religiosa de olhar para a realidade. Os três besouros remetem ao dogma da Trindade e uma pedra com o formato de coração lembra um versículo bíblico. Trata-se de um modo de ver o cotidiano a partir do imaginário religioso, portanto da fé. A borboleta é manifestação do carinho de Deus. No poema *Artefato nipônico*, do livro “*A faca no peito*”, o Deus que se mostra na sua criação também está posto. Escreveu Adélia Prado:

A borboleta pousada  
ou é Deus  
ou é nada. (2007, p. 27)

No poema *Citação de Isaias*, do livro “*A faca no peito*”, o Deus que é amor e o Deus que se deixa ver na criação estão reunidos. Escreveu a poeta:

A matéria de Deus é Seu amor.  
Sua forma é Jonathan,  
o que dói e perece  
e me diz, com tremor da criação inteira:  
“És preciosa aos meus olhos,  
porque eu te aprecio e te amo,  
permuto reinos por ti.” (2007, p. 57)

Na parte inicial do poema *A morte de D. Palma outeiros consolata*, do livro “*A faca no peito*” lemos que o Deus de Adélia é um **pai amoroso**. Escreveu a poeta:

Ficou severo na morte o pobre corpo,  
o rosto ancestralmente conhecido.  
Olhei-a no caixão durante horas.  
Depois da oração fúnebre,  
da água benta aspergida,  
depois do hino do mártir  
cantado em sua memória,  
vai suavizar-se o rosto, pensei,  
a boca vai conformar-se  
à alegria de quem sempre soube:  
a vida é uma dor contínua, mas Deus é pai amoroso. (2007, p. 15)

O Deus de Adélia é **belo**<sup>8</sup>. No poema *Laetitia cordis*, do livro “*A faca no peito*” lê-se o que segue:

Como o homem é belo,  
como Deus é bonito. (2007. p.17)

No mesmo livro, no poema *Parâmetro* a poeta anotou:

Deus é mais belo que eu.  
E não é jovem.  
Isto, sim, é um consolo. (2007, p. 29)

E mais adiante, ainda no mesmo livro, no poema *O demônio tenaz que não existe*, Adélia escreveu:

O amor de Deus é Sua Beleza,  
igualam-se. (2007, p. 33)

No livro “*Solte os cachorros*”, na *prosa 11*, podemos intuir que o Deus de Adélia é um Deus que **cuida**. E como Deus se deixa ver por sua criação, o zelo de Deus se expressa no cuidado de pai e de mãe tal como escreveu Adélia Prado:

COISA JECA é sapato machucando. Antes, quando eu era mais pitinbada, sapato novo era manqueira, calo d'água e sofrimento, aquela feiura. Hoje não, compro sapato de qualquer moda, ando, ando, nem uma bolha não me dá. Será o pé ou o sapato que sabe que agora sou a feliz proprietária do KING OF ALMÔNDEGAS? A gente passa a maior parte da vida perguntando e resposta que é bom, neca. Não é uma vida exemplar esta que tira de um velho o doce modo de ser um homem com netos: "Me dá meu troco, seu ladrão, vai roubar sua mãe", isso, no ônibus cheio, mulher de maneira aberta, cara retensa comprando briga com o mundo, menino de sete anos com carinha de cinco, suadeira, calorão, muda de rosa me espetando, carne moída vazando na sacola de lona, a bela mancha horrorosa de quando eu tinha dez anos e saí apavorada: mãe mãe, será o tomatinho azedo que eu comi demais? Me vale Santa Teresinha queu tou é tuberculosa. Ai, regra pras coisas, receita pra eu seguir em cima da mosquita, isso que é bom não existe. Doutor tem um ponto de vista, padre tem outro, especialista dos nervos manda menina de quatorze anos chamar a mãe por aquele nome que começa com "feda", dizendo que junto com o nome saem as nervosias da criança. Nervosia todo mundo tem, agora,

---

<sup>8</sup> No Antigo Testamento Deus é reconhecido em sua beleza, tal como se lê no Salmo 27.4: “Uma coisa peço ao SENHOR, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no seu templo.

que isso cura com insulto é a primeira vez que vejo falar. Bom pra menino é respeito e pra chique é chá de erva-cidreira. Deixam os coitadinhos dos inocentes ao deus-dará, não tocam a mão em vara, nem correia, a fim de ser moderninhos e no fim é essa desorientação, psicologia em cima dos coitadinhos que não têm culpa de nada. A coisa mais triste que eu já vi é suicídio de criança, eu fico adoecida só de ter esse pensamento, os cabelos do meu corpo ficam em pé diante dessa coisa que consegue ser a mais horrorosa de todas. Eu peço a Deus, começando do tutano dos meus ossos, que livre os meninos de nós todos, sem escapar nenhum, desse tremendo horror, peço à Sagrada Família que faça a nossa casa ter uma natureza de alegria, um sentimento seguro, formado pela cantiga na boca, pela mão cosendo, cozinhando, acarinhando, sem as profundas vaidades que esvaziam o coração e nos deixam tão fracos. Obrigação nossa, de pai e de mãe, é dar amor perfeito, é falar olha fulano é assim, assim, assado, Deus existe, esta vida tem fim, estamos aqui é emprestados, a fim de fazer o bem, amar nossos semelhantes. É debater com eles quando a tiririca das más companhias e das influências ruins ameaçarem a lavoura. Eu tenho pra mim, depois que a gente tem filho só existe uma tarefa pra fazer: cuidar deles. O que está mais perto do amor de pai e de mãe é ódio de pai e de mãe. Que graça tem meu boteco prosperar se faltar alegria dentro da minha casa? Segue o fio da amargura das pessoas pra ver onde ele vai parar: esbarra no pai e na mãe. Não tou falando que bondade de pai e mãe acaba com o sofrimento das pessoas, não; seria muito analfabetismo da minha parte, sofrimento é destino de todos, porque somos filhos de Adão. Eu só quero dizer que se a gente esforçar pra ser pai e mãe com decência, parar de pensar na gente, pra incomodar mais com estes que nós pusemos no mundo, eles vão dar conta de sofrer sem perder a esperança. Tira essa pra ver quem aguenta o baralhado. Nem animador de televisão com rios de dinheiro, nem cantor de cartaz, nem quem faz livro muito admirado. Eu erro com os meus, comigo erraram meu pai e minha mãe, mas com um detalhezinho que eu não posso esquecer: quando eu tive aftosa, aquela doença de gado, eu já era cavalona, o pai me punha no colo pra me distrair, andava comigo na beira do ribeirão mostrando uma coisa, outra, apanhando um ramo com uma florinha, limpando minha baba roxa de violeta genciana, falando cê vai sarar, fia, vai sarar logo. A mãe era um estrago de braba, mas quando eu lembro dela me castigando com o safanão do pente na cabeça e me fazendo dois molhos de cachinhos pra eu ir bonita pra escola, me dá um engasgo, uma saudade sem remédio, uma vontade de ser pobre igual antigamente, só pra escutar ela falar: "Já tá ficando mocinha, umas roupinhas melhores..." e o pai: "Moça bonita precisa disso não...". Eh, meu Deus, quanto jeito que tem de ter amor! (2006, p. 37 - 39)

O Deus de Adélia é um Deus encarnado nas tramas do cotidiano, nas relações das pessoas, é um Deus que problematiza o preconceito, as desigualdades - não mencionamos aqui os temas da política e da fome e como se vinculam à compreensão de Deus como justo, tal como posto na *prosa 24* do livro “*Solte os cachorros*” -, bem como, nos desafia ao amor, ao cuidado, à contemplação da realidade.

O Deus de Adélia é um Deus encarnado na vida e revelado nas ações cotidianas e nas diferentes dimensões da existência humana. No livro “*Filandras*”, na *prosa Ascese e Antipirina*, este Deus encarnado, que se manifesta por meio da sua criação, está assim descrito:

Não fosse tia Zina precisar tanto de mim, ia me dedicar mais a entender eu mesma o que acabei de descobrir. Entre as mulheres a guerra é atômica, nos vários sentidos desta palavra bomba. Tirei isto de onde? Estou rindo do que? Sabina deixou um recorte de jornal debaixo da minha porta: APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA EM MINAS GERAIS! É gozação dela comigo, porque a vidente tem o mesmo nome meu e ela pensa que vou sair correndo para ver a aparição. Boba, Nossa Senhora está na minha casa e é me esperando, pra me ajudar a dar banho em tia Zina, sem fazer careta. Sabina emprega muito mal a palavra mística. Tivesse ela que dar banho em tia Zina, descobriria com quanta água e sabão se faz um santo. Falo sem soberba, não quero menos. (2001, p. 80)

O que encontramos no que aqui apresentamos são algumas imagens do Deus cristão presentes nas obras de Adélia Prado. Como indicamos no início, além da adesão da poeta à fé cristã, a produção poética arraigada nas coisas da nossa vida ordinária, que se inspira na vivência cotidiana, nela encontra as diferentes faces de Deus, os distintos modos como esse Deus é percebido e vivido na fé cotidiana das pessoas. Ao captar este cotidiano com devoção, a poeta encontra o Deus vivido na beira do fogão, na roça, nas relações humanas, nas atividades laborais, nas tantas dimensões da vida humana.

O Deus de Adélia não é encontrado apenas nos altares, na missas, nas prédicas, nas orações, na prática do jejum, mas também e especialmente no cuidado com os outros, na resistência às desigualdades, incluindo aquela que impede o homossexual de ir à Igreja, na coragem de amar, nas delícias da sexualidade, no cuidado com as pessoas, próximas ou não, no banho diário em tia Zina.

### **Referências.**

DOL – DIÁRIO ONLINE. **Notícias / QUEER.** Homens gays agora podem ser padres, decide o Vaticano: Decisão conflita polêmico tema sobre orientação sexual no clero. Belém/PA: DOL, 2025. Alexandre Nascimento. Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/queer/889987/homens-gays-agora-podem-ser-padres-decide-o-vaticano?d=1#>. Acesso em: 11 jan. 2025.

DOURADO, Wesley Adriano Martins. **Considerações filosófico poéticas sobre o corpo, cotidiano e educação: um tributo a Adélia Prado**. Tese de Doutorado. UMESP, 2017a.

DOURADO, Wesley Adriano Martins. Os prados de Adélia: considerações sobre o cotidiano e a educação. **Revista Internacional d'Humanitats 40**, mai-ago 2017; CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona. Disponível em: <http://www.hottopos.com/rih40/93-110Wesley.pdf>. Último acesso: junho de 2024b.

LAUAND, Jean. **Poesia e Filosofia – Entrevista com Adélia Prado**. Disponível em: <http://www.hottopos.com/spcol/EntrAdeliaPrado.pdf>. Último acesso: junho de 2024.

PRADO, Adélia. **A duração do dia**. Rio de Janeiro: Record, 2011. (2010)

PRADO, Adélia. **A faca no peito**. Rio de Janeiro: Record, 2007. (1988)

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 2012. (1976)

PRADO, Adélia. **Cacos para um vitral**. São Paulo: Parma editora, 1991.

PRADO, Adélia. **Filandras**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

PRADO, Adélia. **O coração disparado**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1978, 2a edição.

PRADO, Adélia. **Os componentes da banda**. São Paulo: Siciliano, 1992. (1984)

PRADO, Adélia. **Solte os Cachorros**. Rio de Janeiro: Record, 2006. (1979)

RAMOS, Luiz Carlos. **O Cântico dos cânticos: o livro sagrado dos amantes**. Transcrição poética para a língua portuguesa e posfácio de Luiz Carlos Ramos. São Bernardo do Campo: Texto & Textura, 2011.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

Recebido para publicação em 12-01-25; aceito em 04-02-25